

quási sempre fisiológicas. E por consequência o primeiro dever do educador é recorrer ao médico.

Por exemplo: eis um aluno a quem as perguntas do professor deixam interdito, metamorfoseado em estátua, cada vez mais fechado a um interrogatório tenaz, mordente, violento. Num exercício, perde ou salta palavras, linhas, sem se aperceber. Se o mandam fazer qualquer coisa, esquece-se. E diz-se então que «não tem os cinco alqueires bem medidos», que é sonhador, que anda na lua, que é talvez um poeta, um filósofo. Oxalá que estas esperanças não sejam vãs.

Quem sabe se não estará simplesmente doente?

Eis o resumo duma importante comunicação do Dr. G. Robin ao Congresso Internacional da Infância, em 1931:

«A inibição pode ser acompanhada de perturbações emotivas. São então estas perturbações que é preciso examinar. Mas pode também existir sem qualquer traço de tremor ou de espasmo. Encontramo-la sob a forma de paragem pura e simples do processo mental. Repentinamente, a criança fica bloqueada. Uma pergunta que se lhe faz não é percebida ou é esquecida. Não é pesadez do espírito: é mais do que isso. Não é ausência, porque não há perda de consciência, nem perda de sensibilidade; há somente vazio intelectual. Êste primeiro diagnóstico põe um problema. Como resolvê-lo?

Pode suceder que esta criança seja um epileptoide. Porque, se é mais turbulento que instável, se é sujeito a cóleras súbitas, cegas, brutais, se está ordinariamente descontente, resmungão, se a êste humor difícil se ajunta cefalalgia e dôres nas pernas, trata-se, no caso proposto, duma inibição mental epileptoide.

Todos nós concluimos excessivamente depressa. Porque há outras formas de obnubilação, que pode resultar da inadaptação de certos mecanismos cerebrais a certas matérias.

Pode ser provocada pelo hábito de se pôr «em estado de defeza».

A obnubilação pode atingir mais a linguagem que o pensamento. Nêste caso o mutismo não existe senão como efeito de emoção.

Pode também ser devida à esquizofrenia. O epileptoide faz esforços dolorosos e infructuosos para pensar. O esquizofrênico, pelo contrário pensa e fala duma maneira descosida; ri e chora sem motivos, etc. . .

A obnubilação é por vezes a consequência duma forte concentração passiva sôbre idéias melancólicas.

A criança tem paragem por depressão, por angústia moral.»

Como se vê, é grande a complexidade dos problemas em educação; a criança é um perpétuo mistério, e a lição da experiência ensina-nos que muitas vezes é preciso recorrer ao médico.

\*

Os colégios teem muitas vezes o inconveniente de não se adaptarem às necessidades particulares de cada aluno. Traçam um quadro de boa educação, na suposição de que a natureza não tem caprichos, que é invariável desde o nascimento até à morte, e no desenvolvimento de *todos* os temperamentos.

A precocidade pode ser o prodromo dum rápido desgaste; tomam-na por génio e favorecem-na. A lentidão pode ser uma questão de raça ou de temperamento; pode ser um sinal de ponderação, de seriedade, de reflexão, de atenção minuciosa, de tenacidade. E os educadores nem sempre o reconhecem. Mas há ainda a lentidão por insu-